



DEPARTAMENTO DA INDÚSTRIA
DA CONSTRUÇÃO E MINERAÇÃO

INDICADORES DA CONSTRUÇÃO

Edição 01
31 de agosto de 2021



INDICADORES DA CADEIA PRODUTIVA DA CONSTRUÇÃO

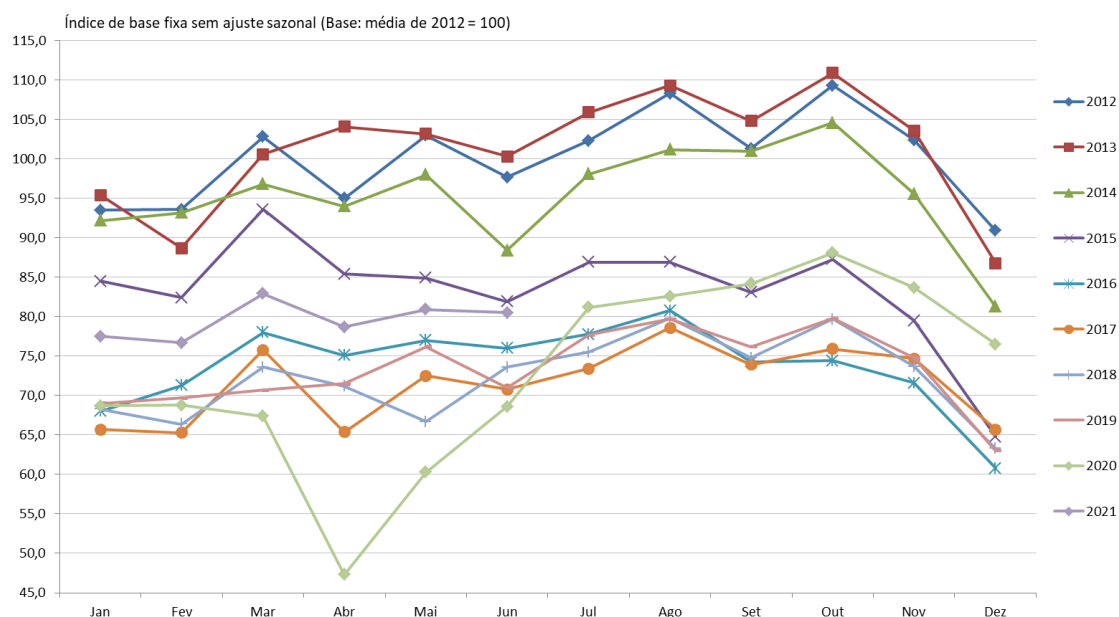
JUNHO/JULHO 2021

Indicadores	Período	Unidade	Valor	Variação acumulada no ano (%)	Variação em relação a igual período do ano anterior (%)	Fonte
Nível de atividade						
Produção de materiais	jun/21	Índice (média 2012 = 100)	80,50	25,2	17,3	IBGE
Vendas de materiais de construção	jun/21	Índice (média 2014 = 100)	115,10	21,5	5,3	IBGE
Preços						
Índice Nacional de Custos da Construção						
Total	jul/21	R\$ / m ²	1.448,78	13,49		IBGE
Materiais	jul/21	R\$ / m ²	853,03	20,09		IBGE
Mão de obra	jul/21	R\$ / m ²	595,75	5,24		IBGE
Índice de Preços ao Consumidor Amplo						
Geral	jul/21	Índice (dez/2013 = 100)	152,68	4,76		IBGE
Habituação	jul/21	Índice (dez/2013 = 100)	171,60	6,46		IBGE
Financiamentos						
Caderneta de poupança (SBPE) - Saldo	jul/21	R\$ milhões	797.859		-3,4	BACEN

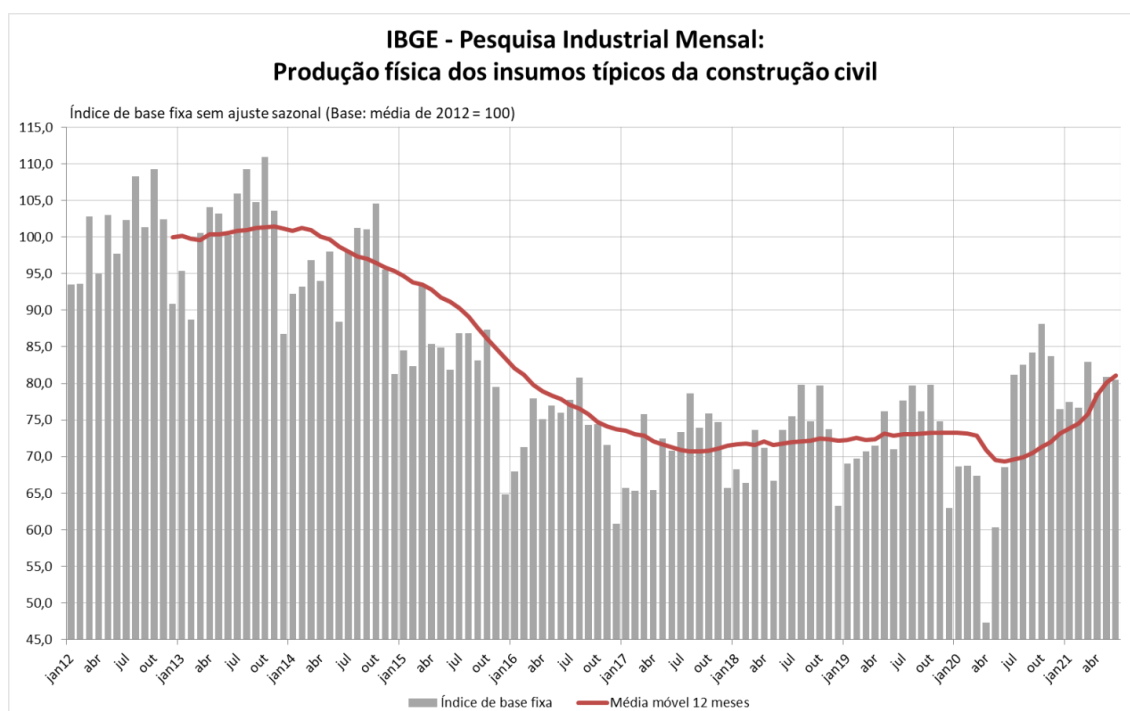
PRODUÇÃO DE MATERIAIS

A produção industrial dos insumos típicos da construção civil avançou 17,3% em junho em relação ao mesmo mês do ano passado, de acordo a última Pesquisa Industrial Mensal do IBGE. Cabe destacar que em junho de 2020, a produção desses bens ainda sofria os efeitos das medidas restritivas de combate à pandemia da covid-19, visto que naquele mês a produção ficou 3,3% abaixo do observado em junho de 2019. A partir de julho de 2020, cabe ainda notar, a produção dos insumos típicos passou a apresentar crescimento em relação a 2019, o que aumenta a base de comparação para o período julho-dezembro do corrente ano. Dessa forma, deve-se esperar uma redução da magnitude da expansão interanual neste segundo semestre, ainda que a perspectiva seja ainda de crescimento robusto no fechamento do ano. Tais considerações e o resultado de junho podem ser vistos no gráfico abaixo, que apresenta a série do índice de produção desses bens do IBGE, sem ajuste sazonal.

IBGE - Pesquisa Industrial Mensal: Produção física dos insumos típicos da construção civil



No acumulado no primeiro semestre, a produção dos insumos típicos da construção civil cresceu 25,2% na comparação com o primeiro semestre de 2019, período que concentrou a aplicação das ações mais restritivas de combate à disseminação da covid-19, como já mencionado. Com respeito à variação acumulada nos últimos doze meses, esta passou de 15,2% até maio para 16,9% até junho, lembrando que a produção desses bens fechou 2020 com queda anual de 0,2%. A evolução da média móvel de 12 meses do índice do IBGE, dada no gráfico a seguir, reflete essa recuperação.



Com respeito à produção da indústria nacional no seu conjunto, ela ficou estável na passagem de maio para junho, considerando as informações com ajuste sazonal. Na comparação interanual, por sua vez, a produção cresceu 12% em relação ao mesmo mês de 2020, o décimo resultado positivo consecutivo nessa base de comparação. Em parte, esse crescimento se deve à base de comparação mais baixa, a qual foi ainda influenciada pelas medidas de contenção da covid-19, concentradas no primeiro semestre do ano passado. A taxa de variação acumulada no ano sofreu uma discreta desaceleração, passando de 13,1% até maio para 12,9% até junho. Finalmente, taxa de variação acumulada nos últimos doze meses seguiu trajetória oposta, acelerando de 4,9% até maio para 6,6% até junho.

A produção das Indústrias Extrativas, um dos dois grandes segmentos da indústria geral, declinou 0,7% em junho na comparação mensal, já considerada a sazonalidade, após três meses consecutivos de crescimento. Frente a junho de 2020, houve crescimento de 4,1%, enquanto que no acumulado no primeiro semestre, a expansão foi um pouco mais modesta, de 2,2%, superior à variação observada no acumulado até maio (1,8%). A taxa de variação acumulada nos últimos doze meses segue em terreno negativo, passando de -1,5% até maio para -1,1% até junho.

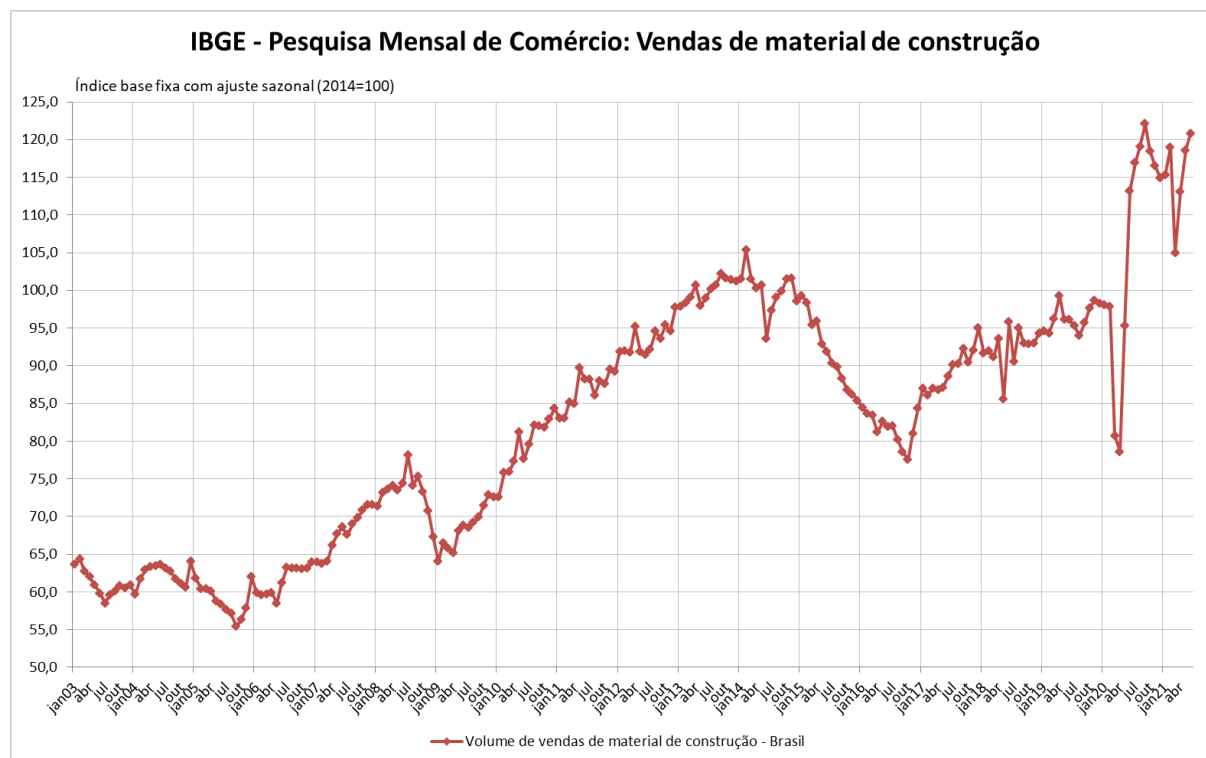
A produção das Indústrias de Transformação declinou 0,5% em junho, revertendo parcialmente a expansão observada em maio (1,2%), com base nos dados ajustados pela sazonalidade. Assim como no caso da produção dos insumos típicos da construção, a produção das indústrias de Transformação mostrou forte crescimento na comparação interanual (13,1%) em junho, ainda que pese igualmente o efeito base positivo. No primeiro semestre do ano, o crescimento da produção desse segmento da indústria nacional chegou a 14,5%, enquanto que a taxa de variação acumulada nos últimos doze meses passou de 5,7% até maio para 7,7% até junho, contribuindo de forma considerável para o resultado da indústria geral no mesmo período.

COMÉRCIO DE MATERIAIS

De acordo com a mais recente Pesquisa Mensal de Comércio do IBGE, o volume de vendas do comércio varejista de materiais de construção no país avançou 1,9% em junho em relação ao mês anterior, já considerada a sazonalidade. Ainda que esta tenha sido a terceira variação positiva consecutiva nessa base de comparação, houve certa desaceleração em relação aos meses anteriores, quando o crescimento foi de 7,7% (em abril), após uma forte retração em março (-11,8%), e de 4,9% (em maio). Tal evolução pode ser observada por meio do gráfico a seguir, que traz a série histórica do índice do volume de vendas do comércio varejista de materiais de construção do IBGE, com ajuste sazonal.

Considerando o mesmo mês do ano anterior como base de comparação, o volume de vendas de materiais teve crescimento de 5,3% em junho, desacelerando em relação às taxas observada entre janeiro e maio (superiores a 10%), refletindo em grande medida o efeito base, visto que foi a partir de junho de 2020 que as vendas desses bens passaram a apresentar forte expansão na comparação

interanual. No acumulado no primeiro semestre do ano, as vendas de materiais avançaram 21,5% frente ao mesmo período do ano passado. Finalmente, a taxa de variação acumulada nos últimos doze meses atingiu 22,0% até junho, mostrando discreta desaceleração em relação à taxa registrada até maio (23,7%).



Após dois meses seguidos de expansão, o volume de vendas do comércio varejista nacional, no conceito mais restrito da pesquisa do IBGE, teve retração de 1,7% em junho em relação ao mês anterior, com base nas informações com ajuste sazonal. Na comparação com junho de 2020, por outro lado, houve uma expansão de 6,3%, levando a variação acumulada no primeiro semestre para 6,7% frente ao mesmo período do ano passado, em linha com a taxa observada até maio (6,8%). Com respeito à taxa de variação acumulada nos últimos doze meses, esta passou de 5,4% até maio para 5,9% até junho.

As vendas do comércio varejista ampliado, que inclui, além dos segmentos do índice restrito, os segmentos de material de construção e de veículos, motos, partes e peças, seguiram na mesma linha em junho, com queda de 2,3% na comparação mensal, feito o ajuste sazonal, na sequência de dois meses de crescimento. Frente ao mesmo mês do ano passado, o resultado foi positivo (11,5%), auxiliado largamente pelo desempenho das vendas de veículos e peças, cujo volume teve alta de 33,1% em relação a junho de 2020. Nos primeiros seis meses do ano, as vendas do comércio varejista ampliado tiveram alta acumulada de 12,3%, patamar semelhante ao apurado até maio (12,5%). Assim como observado com o índice mais restrito, no caso do indicador ampliado houve também um incremento da taxa de variação acumulada nos últimos doze meses, a qual passou de 6,8% até maio para 7,9% até junho.

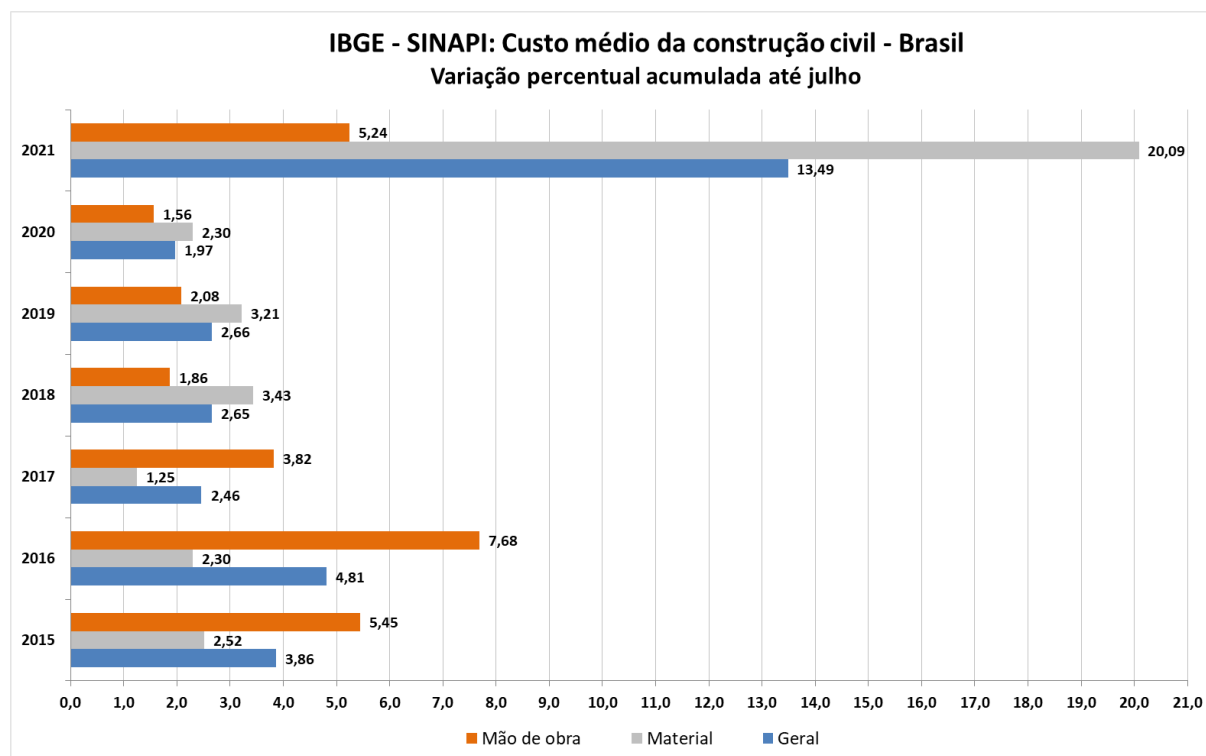
CUSTOS DA CONSTRUÇÃO

O custo médio nacional da construção registrou em julho a terceira maior taxa de variação mensal do ano, de 1,89%, ficando, no entanto, abaixo do observado em junho (2,46%). Em relação à variação apurada no mesmo mês do ano passado (0,49%), o resultado de julho do corrente ano foi, por sua vez, 1,40 ponto percentual maior. As informações tem como referência o Índice Nacional da Construção Civil do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (Sinapi) do IBGE.

Com isso, a variação acumulada do custo médio no ano passou de 11,38% até junho para 13,49% até julho na comparação com o mesmo intervalo de tempo do ano passado. No mesmo período de 2020, a variação acumulada foi de apenas 1,97%, como ilustra o gráfico a seguir. Quanto à taxa de variação acumulada nos últimos doze meses, esta segue em aceleração desde julho de 2020, tendo passado de 20,92% até junho do presente ano para 22,60% até julho.

A forte aceleração do índice nacional nos últimos doze meses se deve em larga medida à elevação do custo médio dos materiais no período. Em julho, esse componente do índice geral variou 2,88%, superando o valor de junho (2,36%) e o de julho do ano anterior (0,48%). Como resultado, no ano até julho, o custo médio dos materiais registra alta de 20,09%, tendo sido de 16,73% no acumulado no primeiro semestre do ano e de apenas 2,30% no período janeiro-julho de 2020. Considerando a variação acumulada nos últimos doze meses, o avanço do custo dos materiais foi de 34,45% até junho para 37,67% até julho. De acordo com declarações do gerente da pesquisa do IBGE, Augusto Oliveira, quando da divulgação dos resultados de julho, os materiais seguem com altas sucessivas de preços, sendo essa alta generalizada em todos os segmentos e de forma contínua em todas as Unidades da Federação, em particular naquelas da região Sudeste. Segundo ainda Augusto Oliveira, esse movimento de alta tem se mantido ao longo de todo o ano, “com um foco em produtos básicos derivados do aço e condutores elétricos, derivados do cobre”, insumos classificados como *commodities* minerais, com impacto relevante sobre o preço dos produtos que as empregam.

Em oposição à trajetória do custo dos materiais, o índice associado ao custo médio da mão de obra variou 0,52% em julho, taxa inferior àquela observada em junho (2,60%), quando foi homologado um grande número de acordos coletivos. Em julho, a pesquisa do IBGE captou acordos coletivos em apenas três estados (Rio Grande do Sul, Ceará e Maranhão). O resultado de julho ficou praticamente em linha com o observado no mesmo mês do ano passado (0,50%). No acumulado no ano, a variação do custo da mão de obra passou de 4,70% até junho para 5,24% até julho, enquanto a taxa de variação acumulada nos últimos doze meses ficou praticamente estável, passando de 6,02% até junho para 6,04% até julho, ainda que esse patamar de variação seja bastante superior à taxa observada até maio do corrente ano, de 3,44%.

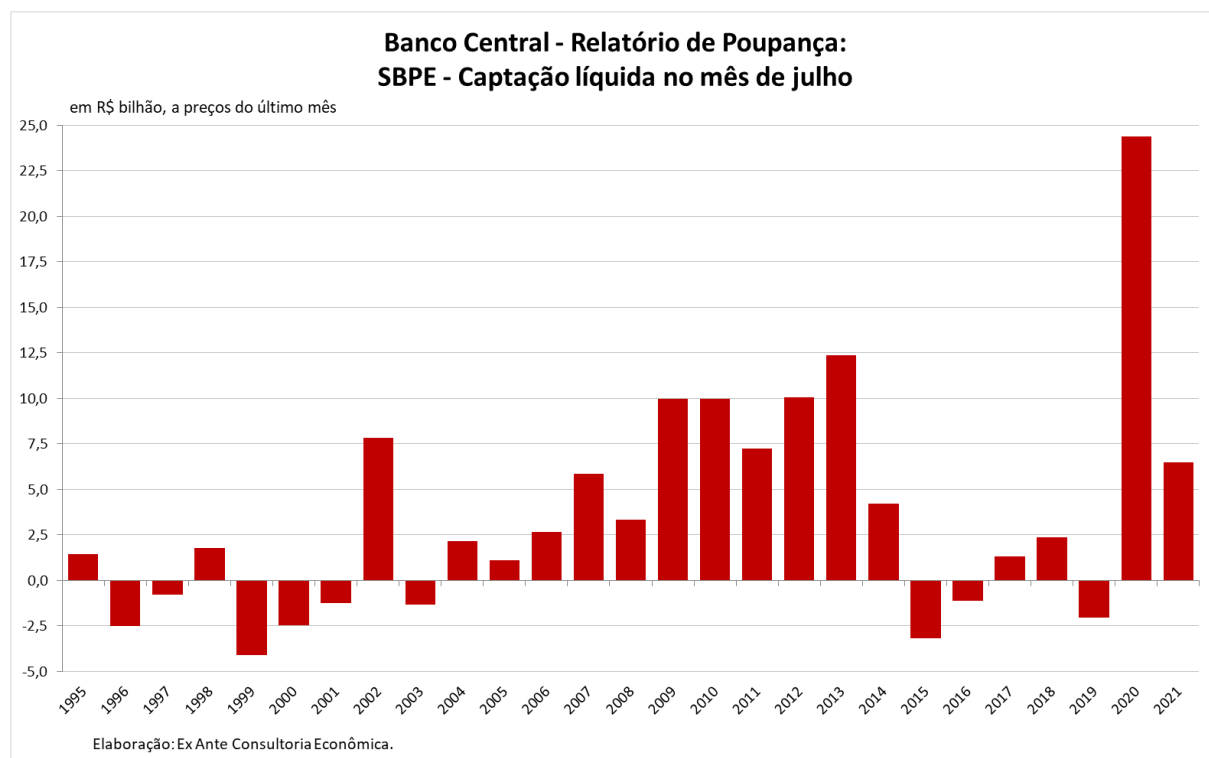


Em termos monetários, em julho o custo nacional médio foi de R\$ 1.448,78 por metro quadrado, com R\$ 853,03 correspondentes ao componente material e R\$ 595,75, à mão de obra. Em termos regionais, em julho os custos, por metro quadrado, foram de R\$ 1.400,82 na região Norte, de R\$ 1.364,47 na região Nordeste, de R\$ 1.516,02 no Sudeste, de R\$ 1.521,78 no Sul e de R\$ 1.406,76 na região Centro-Oeste.

DEPÓSITOS DE POUPANÇA – SBPE

O saldo global de depósitos de poupança do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) fechou o mês de julho em R\$ 797,859 bilhões, de acordo o último Relatório de Poupança do Banco Central do Brasil. Na comparação com o saldo apurado no fim do mês anterior, o valor ficou praticamente estável em termos reais, com variação de apenas 0,1%, enquanto que na comparação com o mesmo mês de 2020, houve uma queda de 3,4% do saldo, também em termos reais.

A captação líquida do sistema voltou a ser positiva pelo segundo mês consecutivo, totalizando R\$ 6,475 bilhões, superando, inclusive, a captação do mês anterior, de R\$ 5,283 bilhões, em termos reais. Como observado ao longo de todo o ano, a captação líquida mensal do sistema tem registrado valores inferiores aos montantes recordes registrados ao longo de 2020, considerando as informações a preços constantes, ou seja, já considerando a inflação. O gráfico a seguir ilustra esse ponto: a captação do último mês de julho ficou não só abaixo do apurado no mesmo mês de 2020, como da média do período 2007-2014, imediatamente anterior à recessão dos anos 2015-2016, de acordo a série iniciada em 1995 pelo Banco Central e apresentada a preços constantes de julho de 2021.



Vale ainda destacar a queda em termos reais de 5,6% do fluxo de depósitos nas cadernetas de poupança do SBPE na comparação com o valor registrado em julho de 2020. Por outro lado, o fluxo de retiradas teve alta de 1,1% na mesma base de comparação, já incorporada a inflação do período. Apesar do aumento do valor de rendimento creditado no mês (R\$ 1,906 bilhão), essa diferença em termos de evolução entre depósitos e retiradas levou à queda apontada anteriormente, de 3,4%, do saldo global em julho frente ao mesmo mês do ano passado.

FINANCIAMENTOS IMOBILIÁRIOS

O valor das operações contratadas com recursos do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE), que corresponde ao conjunto de financiamentos para a construção e para a aquisição de imóveis, atingiu R\$ 18,788 bilhões em julho, de acordo com informações da Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (ABECIP) e do Banco Central do Brasil. Esse resultado mensal foi, em termos reais, o segundo o maior do ano, ficando apenas abaixo do registrado no mês anterior (R\$ 19,662 bilhões, já considerada a inflação). Em relação a julho de 2020, houve um crescimento de 29,7%, também em termos reais, menor taxa de variação no ano na comparação interanual. Tal fato decorre, em parte, do efeito base mais forte, visto que foi a partir de junho de 2020 que os financiamentos começaram a mostrar expansão mais robusta. No acumulado entre janeiro e julho, o valor dessas operações registrou crescimento real de 61,6%, frente ao mesmo período do ano passado. Com relação à taxa de variação acumulada nos últimos doze meses em relação aos doze meses anteriores, esta passou de 59,8% até junho para 57,4% até julho, com base nos dados ajustados pela inflação do período.

Considerando os dois segmentos, o valor das operações para aquisição fechou o mês de julho em R\$ 14,697 bilhões, montante pouco abaixo da média mensal observada entre março e junho deste ano, de R\$ 15,251 bilhões, em termos reais. Na comparação com o mesmo mês de 2020, houve uma expansão de 35,0%, também considerando a inflação, a menor taxa do ano. No acumulado nos primeiros sete meses de 2021, o valor desses financiamentos teve crescimento real de 68,7%, desacelerando em relação ao apurado até junho (76,4%). Ainda que siga em patamar elevado, a taxa de variação acumulada nos últimos doze meses mostrou igualmente alguma desaceleração, passando de 64,3% até junho para 62,2% até julho, já considerada a inflação.

Com respeito às operações para a construção, em julho estas atingiram o total de R\$ 4,090 bilhões, o que representou uma expansão real de 13,8% em relação ao valor registrado em julho de 2020. Com isso, o crescimento acumulado do valor das operações desse segmento passou de 42,7% até junho para 36,4% até julho, em termos reais. A taxa de variação acumulada nos últimos doze meses, por sua vez, passou de 45,5% até junho para 42,1% até julho, mostrando similar movimento de desaceleração.

Finalmente, com relação ao número de unidades financiadas, em julho o total chegou a 81.169, número 120,5% superior ao observado em julho de 2020. Desse total, 51.789 unidades corresponderam a operações para aquisição, com crescimento interanual de 65,1%, enquanto que 29.380 unidades corresponderam a operações para construção, com alta de 440,2% frente a julho do ano passado, quando foram financiadas 5.439 unidades. Nos sete primeiros meses do ano, o total de unidades financiadas com recursos da caderneta de poupança foi de 499.115 unidades, o que representou uma alta de 152,7% na comparação com o mesmo período de 2020. Desse total, 333.721 corresponderam a financiamentos para aquisição (expansão acumulada de 102,1%) e 165.394 foram para a construção (alta de 411,2% nos sete primeiros meses do ano).

Indicadores da Construção – Edição 01

31 de agosto de 2021

Elaboração:

Departamento da Indústria da Construção e Mineração – Deconic/Fiesp
Ex Ante Consultoria Econômica

Veja esta e outras informações sobre o setor no Observatório da Construção:

<http://www.observatoriodaconstrucao.com.br>